

Metáfora e sexualidade da mulher: uma análise discursiva de publicações antifeministas nas redes sociais

Metaphor and sexuality: a discursive analysis of antifeminists posts on social media

Anndra Karolina da Silva Balieiro*
anndrabalieiro@gmail.com
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Claudiana Nair Pothin Narzetti**
cn.narzetti@uea.edu.br
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise sobre o funcionamento do discurso antifeminista, notadamente sobre os efeitos de sentidos em torno do objeto discursivo “revolução sexual” cuja origem pode ser relacionada ao discurso feminista. O referencial teórico e metodológico é a Análise de Discurso Materialista, partindo dos trabalhos de Michel Pêcheux (1988; 1990; 1999; 2006; 2011; 2014) e seu grupo. O *corpus* consiste em quatro publicações de páginas autointituladas antifeministas, advindas do *Instagram* e do *Facebook*. Destas publicações, destacamos sequências discursivas (COURTINE, 2009) que retomam o objeto “revolução sexual” e identificamos: uma cadeia de significantes que no discurso antifeminista metaforiza-a em “liberação”, “libertinagem”, “promiscuidade” e um conjunto de supostas consequências negativas do movimento feminista para as mulheres e, conseqüentemente, para a sociedade. Concluimos que a sexualidade da mulher emerge na discursividade antifeminista em relação de franca oposição com o que foi/é defendido pela discursividade feminista e com formação ideológica neoconservadora e neoliberal.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso antifeminista. Redes sociais. Análise do Discurso Materialista.

ABSTRACT: This article presents an analysis of the functioning of the antifeminist discourse, notably on the effects of meanings around the discursive object “sexual revolution” whose origin can be related to the feminist discourse. The theoretical and

* Licenciada em Língua Portuguesa e Mestra em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Faz pesquisas na área da Análise do Discurso Materialista, a partir dos pressupostos de Michel Pêcheux e seus estudiosos, investigando discursos acerca das questões de gênero e do antifeminismo. Foi bolsista FAPEAM por algum tempo durante o mestrado.

** Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes e da Graduação em Letras da Universidade do Estado do Amazonas. Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Araraquara). Faz pesquisas na área da Análise do discurso francesa e da Análise do discurso dialógica, com ênfase na história da constituição do campo, bem como na análise do discurso político e das minorias.

methodological framework is Materialist Discourse Analysis, the works of Michel Pêcheux (1988; 1990; 1999; 2006; 2011; 2014) and his group. The corpus consists of four publications collected on self-titled antifeminist pages, hosted on Instagram and Facebook. From these publications, we highlight discursive sequences (COURTINE, 2009) that resume the object “sexual revolution” and we identify: a chain of signifiers that in the antifeminist discourse metaphorizes it in “liberation”, “libertinage”, “promiscuity” and a set of supposed negative consequences of the feminist movement for women and, consequently, for society. We conclude that women's sexuality emerges in antifeminist discursivity in a relationship of frank opposition to what was/is defended by feminist discursivity and with neoconservative and neoliberal ideological formation.

KEYWORDS: Antifeminist Discourse. Social Media. Materialist Discourse Analysis.

Considerações Iniciais

O presente artigo se constitui enquanto recorte de uma pesquisa mais ampla recentemente concluída sobre o funcionamento do discurso antifeminista nas redes sociais, com ênfase na análise de suas relações interdiscursivas com o discurso feminista, de sua dependência e pertencimento a ideologias neoliberal e neoconservadora, a partir da descrição-interpretação de seus temas ou “objetos de discurso” (PÊCHEUX, 2011, p. 158). O recorte apresentado aqui enfoca especificamente a análise do objeto discursivo revolução sexual e foi estabelecido a partir de 4 publicações: duas coletadas em páginas do *Instagram* e duas, do *Facebook*, todas páginas autointituladas antifeministas. As 4 publicações são parte do *corpus* maior da pesquisa – 38 publicações, datadas de 2019 a 2021. Portanto, por fazerem parte de um *corpus* maior, as publicações aqui exemplificadas demonstram apenas um entre muitos aspectos de funcionamento da discursividade antifeminista.

O objetivo da análise é fazer um levantamento dos efeitos de sentidos em torno do referido objeto discursivo, descrevendo-interpretando como o discurso antifeminista “concebe” a sexualidade feminina e como ele testemunha o avanço do neoconservadorismo no contexto brasileiro, sempre a partir do pressuposto fundador da análise de discurso da dependência de uma formação discursiva (FD) em relação ao interdiscurso. Assim, a problematização aqui ensejada articula a análise do discurso aos estudos sobre o feminismo e o antifeminismo.

De maneira geral, é necessário destacar o movimento feminista como um movimento de reação. Desde o seu princípio, ele reproduz discursos que se contrapõem à ordem patriarcal vigente, buscando “acabar com o sexismo, exploração

sexista e opressão” (HOOKS, 2020, p. 13). No quesito sexualidade, havia uma grande necessidade de conceder mais liberdade e poder de decisão para as mulheres, que costumavam viver condicionadas aos pais e maridos.

Ao retomarmos o desenvolvimento do feminismo ao longo da história e pensarmos nos principais marcos das tão debatidas ondas feministas, podemos destacar a revolução sexual como o cerne do que se define como segunda onda. Nessa fase, o movimento buscava garantir a liberdade sexual para as mulheres, uma vez que ela era entendida como uma forma de finalmente lhes dar controle sobre os seus corpos. De acordo com Soihet (2013, p. 124), as “políticas do corpo” foram significativas na segunda onda: as reivindicações em favor dos direitos de reprodução, a plena assunção do corpo e da sexualidade (prazer, contracepção, aborto) e a luta contra a violência sexual passaram a ser queixas não apenas no âmbito privado, mas também no público.

Para o antifeminismo, discurso aqui encarado como reação conservadora ao discurso feminista, a sexualidade humana constrói-se a partir da ideia de “natureza”; portanto, haveria uma natureza feminina e uma masculina. Essa construção “natural” conduziria homens e mulheres a assumirem os papéis de pai e de mãe (OLIVEIRA, 2020, p. 135).

Assim, na ideologia antifeminista, o feminismo, ao propagar discursos e práticas alternativos, estaria propondo ideias “antinaturais” que colocariam em risco a família e, em última instância, a sociedade. Para essa agenda, arriscar a família é arriscar a base que sustenta a sociedade; é arriscar a suposta única instituição que realmente funcionaria em prol do sujeito. Sendo assim, seria necessário combater o feminismo e as ideias que corromperiam as mulheres.

Nossa atenção para os discursos compartilhados no espaço cotidiano das redes sociais justifica-se na medida em que Pêcheux (2006, p. 48) destaca a necessidade de atentar para “as circulações cotidianas, tomadas no ordinário do sentido”. Sendo as redes sociais o espaço mais cotidiano que compartilhamos hoje em dia, deve-se considerar o poder das redes e a capacidade que possuem de reproduzir e disseminar discursos e práticas desde a sua forma menos elaboradas (ou até rudimentares) até ideologias propriamente organizadas e sistematizadas.

A escolha desta temática se dá devido à necessidade de se compreender o funcionamento de uma discursividade em ascensão, que, por sua vez, demarca um momento de grande retrocesso na sociedade. Perceber o antifeminismo no intenso

processo de disputa de sentidos no espaço das redes sociais exige, antes de tudo, um melhor esclarecimento acerca de suas relações com o próprio feminismo.

Dessa maneira, podemos considerar que a forma como a sexualidade feminina emerge na discursividade antifeminista encontra-se em relação de franca oposição com o que foi/é defendido na discursividade feminista. Concluimos que os sentidos reproduzidos pelo antifeminismo são de caráter conservador, sendo uma reação aos progressos da sociedade (CRUZ; DIAS, 2015, p. 35). E essa ocorrência expressa a aliança dessa agenda com o que é caracterizado como neoconservadorismo.

Dividido em três seções, este artigo apresenta: i) alguns conceitos-base da Análise do Discurso; ii) apontamentos sobre o antifeminismo; e, por fim, iii) as análises do *corpus*.

1 A Análise do Discurso

A Análise do Discurso (AD) de orientação francesa, sobretudo na vertente materialista desenvolvida por Michel Pêcheux e seu grupo, configura-se como um dispositivo tanto teórico quanto metodológico que teve seus inícios na França, na década de 1960. Desde então, consolida-se como principal referência para os estudos dos discursos das mais diferentes naturezas, como o discurso antifeminista em análise aqui, a partir do objeto “liberdade sexual”.

Ao articular Linguística, Materialismo Histórico e Psicanálise, a Análise do Discurso materialista concebe a linguagem como “mediação necessária entre o homem e a realidade” (ORLANDI, 2020, p. 14). Dessa maneira, para a AD, “[...] as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí uma das definições de discurso: o discurso é efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2020, p. 20) e uma natureza para a AD: uma semântica discursiva.

Para chegar a essa síntese conceitual, a AD parte de um princípio geral, o de que o discurso é um dos aspectos materiais da ideologia (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 163), este, por sua vez, derivado da tese fundadora de Louis Althusser (1971) de que a ideologia tem uma existência material e não abstrata.

A definição precisa do conceito de discurso por Pêcheux é feita, portanto, inserindo-o no quadro do corpo teórico da teoria marxista em geral e da teoria das

ideologias em particular. Pêcheux propõe então que as *formações ideológicas* são um conjunto de elementos estruturais de uma formação social com a função de aí intervir junto a outras forças e que as *formações discursivas* são um dos elementos das formações ideológicas:

[...] poderemos falar de uma “formação ideológica” para caracterizar um elemento suscetível de intervir, tal como uma força confrontada a outras, na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um dado momento; cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo que comporta atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas que se referem mais ou menos diretamente a “posições de classe” em conflito umas com as outras. (PÊCHEUX, 2011, p. 72-73)

A partir desse conceito pode-se conceber que as *formações discursivas*, por um lado, “intervêm nas formações ideológicas enquanto componentes” (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 164) e, por outro, determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma dada posição numa dada conjuntura histórico-social (PÊCHEUX, 2011, p. 73).

Orlandi (2020, p. 41) esclarece que o conceito de formação discursiva permite compreender o processo de produção dos sentidos e sua relação com a ideologia, na medida em que “o discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro” (ORLANDI, 2020, p. 41). E ainda é pela referência à formação discursiva que se pode compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos empreendidos, já que “palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes” (ORLANDI, 2020, p. 42).

Logo, o sentido para a AD é concebido a partir das posições ideológicas ocupadas pelos sujeitos, de maneira que ele não existe em si mesmo, mas deriva de uma formação discursiva que é a sua matriz:

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

Enquanto sempre-já interpelado, o sujeito para a AD é aquele que reproduz e carrega os discursos de uma sociedade, e não os produz. Passivo das construções históricas e sociais que o rodeiam, o sujeito não pode ser a origem de um discurso,

assim como também não pode ser tomado enquanto unificado pela consciência: a partir da afirmação do primado do interdiscurso sobre o discurso e da determinação do sentido pela ideologia e pelo inconsciente, “tem-se um sujeito essencialmente heterogêneo, clivado, dividido” (MUSSALIM, 2001, p. 134).

Com base no conceito marxista de contradição e na tese do primado desta sobre os contrários, Pêcheux (1990) estabelece que as formações discursivas que caracterizam uma formação social em dada conjuntura não formam um conjunto simples de elementos justapostos, mas um todo complexo com dominante, que ele chamou de “interdiscurso”. Nesse todo complexo, as FDs contraem entre si relações de aliança-oposição, dominação-subordinação. Desse modo, FDs frequentemente se constituem na dependência do interdiscurso, isto é, de outras FDs, das quais retiram sua “matéria-prima” e até mesmo alguns enunciados, os enunciados divididos (COURTINE, 2009).

Orlandi (2020, p. 31) esclarece que ele é “todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”. Assim, frequentemente, o efeito do interdiscurso pode ser observado na medida em que “para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido” (ORLANDI, 2020, p. 31). Ou seja, para que as palavras de um discurso como o antifeminista, por exemplo, existam e façam sentido, é preciso relacioná-las ao discurso feminista.

É possível que a FD antifeminista metaforize a revolução sexual, na medida em que se considera o interdiscurso enquanto princípio de funcionamento. Pêcheux (2011 [1984], p. 158) ressalta que

[...] é porque os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a *uma outra* formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente.

Logo, a FD antifeminista retoma a revolução sexual, enquanto elemento da FD oposta a ela, a partir de um princípio negativo. Enquanto objeto de discurso da FD antifeminista, a revolução sexual se constrói historicamente em relação de paráfrase com significantes como libertinagem, hipersexualização, entre outros.

Porém, segundo Pêcheux (1988, p.162), é próprio de toda FD dissimular sua dependência em relação ao interdiscurso, de modo que certos discursos apresentam a aparência da homogeneidade – como se não contivessem em seu interior elementos

(palavras, expressões, enunciados) provenientes de outras FDs. Em alguns casos, o discurso segue a estratégia de apagamento da heterogeneidade, de encobrimento da contradição devido a necessidades conjunturais da luta ideológica.

Na medida em que o sentido só é concebido como pertencente a esta ou aquela formação discursiva, é necessário lembrar que a produção do sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências discursivas. E ainda que essas sequências formulam a “família parafrástica”, que, por sua vez, constitui a “matriz do sentido” (PÊCHEUX, 2014, p.167).

A noção de sentido, portanto, é imanente ao conceito de metáfora, na medida em que os objetos de discurso são unidades divididas, suscetíveis de se inscreverem em um ou em outro efeito conjuntural (PÊCHEUX, 2015, p. 157). E a noção de efeito metafórico abrange a necessidade de entender que os “deslizamentos de sentido” são constitutivos do “sentido” empreendido por dada FD.

Assim, o conceito de memória discursiva é elaborado, na medida em que se entende que

A memória discursiva seria aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Quanto a esse ponto, vale destacar que, de acordo com nossas análises, o contrário também pode ocorrer – o discurso antifeminista constrói-se, em sua materialidade linguística, sob formas sintáticas diversas, a partir de uma explicitação da relação interdiscursiva com o discurso feminista. Mais além disso, ainda se constrói da revelação da contradição, em um funcionamento verbalmente beligerante.

Nesse sentido, o conceito de simulacro elaborado por Maingueneau (2008) faz-se pertinente em nossa análise. O autor considera que, quando o espaço discursivo é compreendido enquanto rede de interação semântica, ele se define através de *interincompreensão generalizada*. Isso se dá, pois não há dissociação entre “o fato de enunciar em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva e de ‘não compreender’ os sentidos dos enunciados do Outro; são duas facetas do mesmo fenômeno” (MAINGUENEAU, 2008, p. 99).

Dessa maneira, cada discurso é delimitado por uma grade semântica (MAINGUENEAU, 2008, p. 99) que, ao determinar o que pode e deve ser dito, também

é capaz de fundar um desentendimento recíproco, fazendo com que formações discursivas antagônicas, que se constroem em oposição, sejam incapazes de compreender uma a outra. Ou seja, “o discurso não pode haver-se com o Outro como tal, mas somente com o simulacro que dele constrói” (MAINGUENEAU, 2008, p. 100).

2 O Antifeminismo

Tendo surgido em confluência com as ondas feministas, o antifeminismo, ou ainda a agenda antifeminista, caracteriza-se pela oposição à evolução do papel que a mulher exerce na sociedade e, conseqüentemente, às mudanças sociais em todos os níveis afetados por essa evolução. Para Flores (2004, p. 230), “antifeminismo [...] é o que recusa a igualdade de sexos, visto como uma ameaça à ordem de um mundo fundado sob a hierarquia sexual, de dominação masculina”.

Segundo Cruz e Dias (2015), são parte constituinte do antifeminismo o não-reconhecimento das diferenças e a falta de respeito a elas, sendo que esses dois aspectos são os responsáveis por criar padrões de violência. Para os pesquisadores, esses padrões de violência resistem às mudanças e recusam explicitamente qualquer potencial diálogo que vise a promovê-las.

Ao pensar em como caracterizar o movimento contra o feminismo, Aguiar e Pereira (2019), a partir de Faludi (2001), apresentam alguns aspectos que caracterizam o que seria o pensamento antifeminista. Esses aspectos incluem: visão estereotipada do feminismo e das feministas; inversão de causas, ou seja, ao invés de se vincularem os problemas sociais à ideologia patriarcal, atribuem-se os problemas vivenciados pelas mulheres ao próprio feminismo; criação de mitos, que, por sua vez, geram insegurança na busca pela independência feminina; e, por fim, redução do movimento feminista como sendo algo corriqueiro, recente e passageiro, negando todas as experiências vividas até agora.

As características ressaltadas por Aguiar e Pereira (2019), a partir de Faludi (2001), evidenciam o aspecto de denúncia que o discurso antifeminista reivindica, na medida em que “desmascarar” o feminismo seria uma necessidade urgente. Essa demarcação do feminismo enquanto inimigo da sociedade advém do caráter neoconservador que define o discurso antifeminista.

Essa relação com o neoconservadorismo se dá por ele abarcar uma soma de aspectos: conservadorismo cristão, individualismo liberal, antipluralismo e

neoliberalismo (BIROLI *et al.*, 2020, p. 25). Ou seja, a agenda antifeminista é um reflexo dessa movimentação neoconservadora, e por isso se sustenta em pilares semelhantes. No *corpus* deste trabalho conseguimos observar o conservadorismo cristão e o antipluralismo.

3 Publicações Antifeministas

Analisaremos a seguir o discurso antifeminista em torno da “liberdade sexual”, a partir de quatro publicações, sendo duas advindas do *Instagram*, mais especificamente da página intitulada “direita.feminina”, e duas advindas do *Facebook*, tendo sido coletadas da página “Moça, não sou obrigada a ser feminista 5”. As publicações se encontram numeradas de acordo com a ordem em que aparecem neste trabalho.

Como dissemos anteriormente, este artigo é um recorte de uma pesquisa mais ampla. Os procedimentos metodológicos da pesquisa realizada consistiram em: a. coleta de um *corpus* de publicações de páginas autointituladas antifeministas nas redes sociais *Instagram* e *Facebook*, tendo por critério o período temporal de 2019 a 2021, pois gostaríamos de ter uma perspectiva atual do discurso antifeminista; b. constituição do *corpus* efetivo da pesquisa, consistindo nas publicações mais relevantes; c. tendo por base o postulado de que as FDs são conjuntos de enunciados em relação de paráfrase, organização da dispersão do *corpus* em categorias temáticas (objetos de discurso) recorrentes, a partir de enunciados parafrásticos d. descrição-interpretação das relações interdiscursivas do discurso em análise, a partir da sua materialidade linguística; e. apontamentos sobre o funcionamento linguístico-discursivo do discurso antifeminista. Na etapa “c”, estabelecemos as seguintes categorias temáticas: o objetivo real do feminismo; as consequências do feminismo; e as contradições do feminismo. Dentro da categoria “consequências do feminismo” separamos a subcategoria “revolução sexual” que nos debruçamos aqui. Na etapa “d” e “e”, adotamos a categoria metodológica sequência discursiva de referência (SDR ou SD), assim como proposto por Courtine (2009), para referenciar trechos das publicações em análise.

3.1 O efeito metafórico e a cadeia de significantes em torno da “revolução sexual” feminina

O aparecimento do objeto “revolução sexual” na FD antifeminista ocorre quando se trata de ali explicar o que seria o real objetivo do movimento feminista. Esse objetivo é anunciado na Publicação 3¹. Com o título de “Se o feminismo não luta por igualdade, luta pelo quê?”, a publicação coletada na página “direita.feminina” no *Instagram* é composta essencialmente por uma foto de uma manifestação feminista com um cartaz escrito “Women’s liberation” e por um texto na legenda.

Observemos a SD abaixo:

SD3.1: Como já sabemos, o Feminismo nunca foi uma luta por igualdade, pelo menos não a de direitos civis. Primeiramente devemos entender que o Feminismo é uma das principais ferramentas do marxismo para a destruição da família, dos valores e da moral cristã e por conseguinte a extinção das classes sociais e da propriedade privada. E o meio pelo qual o Feminismo utiliza desde o princípio para alcançar esse objetivo, sempre foi a Revolução Sexual.

A SD3.1 inicia com “como já sabemos”, marca sintática do funcionamento do discurso-transverso, ou seja, marca daquilo que se apresenta enquanto saber universal (PÊCHEUX, 1988, p. 171), determinando que todos sabem que o feminismo não é uma luta por igualdade. A sequência continua salientando que o feminismo é, na verdade, uma das ferramentas do marxismo. Por ser apenas uma ferramenta de algo maior, o papel do feminismo é a “destruição da família, dos valores e da moral cristã e por conseguinte a extinção das classes sociais e da propriedade privada”. A sua principal ferramenta para isso seria a revolução sexual.

A “revolução sexual” enunciada no final da SD3.1, é entendida enquanto meio ou ferramenta principal do feminismo. No processo metafórico, essa revolução ganharia o significado de uma mudança de hábitos, considerados pelo discurso antifeminista como naturais nos sujeitos femininos, já que, por meio dela, as mulheres seriam afastadas de sua família, dos seus valores e da moral cristã. Na mesma publicação, outra SD afirma-se que a revolução sexual promovida pelo feminismo busca igualar o comportamento da mulher ao que seria o pior comportamento do homem.

SD3.2: Pra isso, o movimento busca igualar o comportamento da mulher ao pior comportamento do homem, com a intenção de tornar a mulher totalmente emancipada e livre sexualmente.

¹ Publicação 3. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CChiQ-pJgC-/?igshid=15w8b8l9ezvw6>. Acesso em: 22 fev. 21

O pior comportamento do homem em SD3.2 é exatamente o comportamento no âmbito sexual, a promiscuidade e a liberdade sexual; logo, a intenção feminista de tornar a mulher totalmente emancipada e livre sexualmente seria torná-la promíscua como o homem.

Na SD3.4, a publicação destaca os métodos utilizados pelas feministas, sendo que a maior parte deles tem a ver com sexualidade, deixando emergir os sentidos de “revolução sexual”. *A liberação sexual, o sexo sem compromisso, o aborto e os métodos contraceptivos que eliminam possíveis gravidezes, o sexo antes do casamento* e todas as outras questões mencionadas na SD, estabelecem relação direta de oposição com o que é esperado em relações tradicionais, que visam ao casamento e a constituição de uma “família”. As questões mencionadas, por sua vez, são representações de como o feminismo ameaça a reprodução supostamente correta do sujeito mulher, que tem como objetivo principal o matrimônio e a maternidade.

SD3.4: Os métodos utilizados são a liberação sexual, o sexo sem compromisso, o aborto e os métodos contraceptivos eliminando a consequência da gravidez, a hipersexualização da mulher, o adultério, divórcio, priorização da carreira em detrimento do casamento e dos filhos, ideologia de gênero, masculinização da mulher, feminilização do homem, normalização da libertinagem e da pornografia, do sexo antes do casamento, expressões eróticas de moda e arte etc.

Na SD3.4, emergem os significantes: “liberação sexual”, “hipersexualização” e “libertinagem” como substitutos de “revolução sexual”. Esses significantes apontam para os sentidos negativos que o objeto adquire na FD antifeminista e reaparecem nas demais publicações do *corpus*.

A publicação 2, intitulada “de fato o feminismo conquistou várias coisas, fiz até uma listinha aqui”, está em franca relação de paráfrase com a publicação 3. Ao listar um conjunto de conquistas do movimento feminista (veremos mais adiante os efeitos de sentido do uso do termo conquista no título dessa publicação), enumera dentre elas: a “promiscuidade” e a “revolução sexual”. Reforça-se aqui a identidade de sentido entre “revolução sexual” e “promiscuidade”. Além disso, “revolução sexual”, na lista enumerativa, é acompanhada de “defesa de pedófilos”, aproximando a revolução sexual e as novas formas de vivência da sexualidade que nela se sustentam a práticas criminosas.

Não apenas considerando os processos metafóricos, como concebidos por Pêcheux, em que a “revolução sexual” é metaforizada em outros significantes, podemos também nos aproximar do conceito de *simulacro*, tal qual desenvolvido por Maingueneau, para alcançar novas interpretações.

Maingueneau (2008, p. 99) destaca que “[...] A cada posição discursiva se associa um dispositivo que a faz interpretar os enunciados de seu Outro traduzindo-os nas categorias do registro negativo de seu próprio sistema”. Ou seja, o discurso antifeminista só é capaz de compreender a revolução sexual enquanto negativa e, por sua vez, enquanto “promiscuidade” e “libertinagem” – sendo que esses significantes emergem na memória sob sentidos negativos, uma vez que há uma ideologia religiosa cristã dominante regulando a moral feminina.

A FD antifeminista só compreende a “revolução sexual”, objeto da FD feminista, a partir da constituição de um simulacro dela, de maneira que “o discurso não pode haver-se com o Outro como tal, mas somente com o simulacro que dele constrói” (MAINGUENEAU, 2008, p. 100). Dessa maneira, o antifeminismo não combate o discurso sobre sexualidade empreendido pela FD feminista, mas sim o simulacro que ele criou dele. E esse simulacro inclui que o feminismo é o responsável pelos abortos, pela objetificação feminina, pela promiscuidade, pelas traições e tudo de “ruim” que pode estar relacionado com as vivências da sexualidade feminina nos tempos recentes.

A “revolução sexual”, enquanto objeto de discurso da FD antifeminista, é deslocada simbolicamente na história e realocada na seguinte cadeia significativa: liberdade sexual, liberação sexual, libertinagem, hipersexualização, promiscuidade. Assim, ela é um problema, um erro, um mal a ser combatido-freado.

3.2 As consequências da revolução-liberdade sexual

Nas publicações analisadas também é possível observar, além da metaforização da revolução sexual, as consequências que a promoção dessa revolução trouxe para as mulheres e para a sociedade. Essas consequências são ressaltadas por esse discurso a fim de comprovar que há uma responsabilidade do feminismo nos problemas enfrentados pelas mulheres.

Aqui analisaremos em conjunto as publicações 1 e 2, que, em uma estrutura bastante semelhante, não só reforçam os significantes já expressos na publicação 3,

mas também as suas consequências. Tanto a publicação 1² – de título “15 conquistas que as mulheres devem ao feminismo”, publicada na página “direita.feminina” em 14 de julho de 2020 –, quanto a publicação 2³ – de título “De fato o feminismo conquistou várias coisas, fiz até uma listinha aqui”, publicada na página “Moça, não sou obrigada a ser feminista 5” em 21 de fevereiro de 2021 – apresentam uma lista do que seriam algumas conquistas do movimento feminista. A primeira apresenta 15 conquistas, sob a forma de enunciados mais longos, enquanto a segunda apenas enumera alguns sintagmas, sob a forma de tópicos.

Vale ressaltar que em ambas as publicações, há uma ironia no uso de *conquista*, e essa ironia, apesar de não marcada por aspas ou outro recurso visual, é evidente, em especial quando o gesto de leitura se torna ascendente – do texto para o título. Trata-se não de *conquistas* reais, como anunciam os títulos, mas sim de *perdas*, *retrocessos*.

Observemos as SDs 1 e 2:

SD1.1: Objetificação da mulher a transformando em um mero objeto sexual;
SD1.2: Mulheres sendo tratadas como mercadoria e objetos descartáveis e sem valor;

Para a FD antifeminista, se as mulheres são tratadas como objetos sexuais, como mercadoria, como objetos descartáveis e sem valor, é em razão do que o feminismo promove. As duas sequências discursivas destacadas retomam uma memória em que mulheres devem restringir suas vidas sexuais a parceiros fixos, no interior do casamento, e, quando não o fazem, são tratadas como objetos.

O apagamento, nesse discurso, do papel do homem no tratamento de mulheres como objetos é uma marca de que o homem, para a FD antifeminista, não é o agente causador do problema, e sim o movimento feminista.

Em outras sequências da publicação 1 também observamos que o sexo sem compromisso é um ponto de discussão da FD antifeminista.

SD1.3: Mulheres destruídas sentimentalmente por se entregarem a relações sem amor apenas pelo sexo sem compromisso, tendo que lidar com a depressão por causa da rejeição;

² Publicação 1. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCpY45-J3GN/?igshid=1ldemf9w8ol8p>. Acesso em: 25 fev. 21

³ Publicação 2. Disponível em: <https://www.facebook.com/forafeminismo5/photos/a.1013014675527010/1706999412795196/>. Acesso em: 09 abr. 21

SD1.9: Banalização do sexo (por causa da ideia que se criou de que se as mulheres são iguais ao homens quando se diz respeito à sexo, os homens não precisam firmar compromisso com a moça depois de levá-la para a cama);

Mulheres que praticam o sexo fora do casamento ou de uma relação com compromisso estariam fadadas a serem destruídas emocionalmente. Isso ocorreria porque não seria natural a mulher ter relações sem compromisso; essa seria uma característica natural do homem, que supostamente lidaria melhor emocionalmente com essas relações. Dessa forma, a banalização do sexo mencionada em SD1.9 seria uma das principais razões do sofrimento de mulheres, pois o movimento feminista as teria feito acreditar que podiam ter relações sem compromisso quando isso, na realidade, fugiria da “naturalidade” ou de seu papel natural.

SD1.14: Aumento do índice de mulheres que adiam o matrimônio e a maternidade em prol de uma carreira e chegam aos 40 anos solteiras e infelizes;

Em SD1.14, se reproduz novamente que a infelicidade feminina advém da abdicação do casamento e da maternidade. O afastamento da mulher do ambiente familiar só causaria sofrimento a ela, pois mulheres teriam nascido para serem esposas e mães. Por essa razão, é criticada a opção pelo trabalho fora do ambiente doméstico, em especial quando implica adiamento ou abdicação do casamento, uma vez ele retiraria as mulheres de seu espaço natural.

Outras consequências atribuídas ao feminismo e à falta de preservação da sexualidade feminina tradicionalmente estabelecida, seriam problemas não apenas do âmbito privado, mas também do público. Na SD1.6 o discurso antifeminista critica uma suposta “normalização da pornografia”, determinando que essa normalização seria uma das principais causas da violência contra a mulher. O aumento de casos de doenças sexualmente transmissíveis seria outra de suas consequências.

SD1.6: Normalização da pornografia com todos os seus males e poder de destruição, inclusive sendo uma das principais causas de violência contra a mulher;

SD1.7: Aumento drástico de doenças como AIDS, Sífilis, HPV e outras doenças de cunho sexuais que se transformaram em verdadeiras epidemias;

Tanto a normalização da pornografia quanto o aumento de doenças sexualmente transmissíveis emergem tanto na FD antifeminista quanto na FD feminista enquanto críticas sociais. A diferença é que a FD feminista responsabiliza outros agentes

sociais, e a FD antifeminista responsabiliza o movimento feminista. Se esses problemas existem, é porque o feminismo promoveu a revolução sexual. Sem a revolução sexual as mulheres não seriam violentadas (na SD1.6, se enfatiza que a pornografia é uma das principais geradoras da violência contra a mulher) e não contrairiam doenças sexualmente transmissíveis. Importante notar novamente que o papel do homem é apagado em todas as sequências discursivas acima.

Outra consequência que se relaciona com a revolução sexual, e também com a destruição da moral conservadora, é a aquisição de doenças mentais. De acordo com o discurso antifeminista, as mulheres passaram a ter depressão e se sentirem insatisfeitas por causa do feminismo e das pautas que ele promove.

SD1.3: Mulheres destruídas sentimentalmente por se entregarem a relações sem amor apenas pelo sexo sem compromisso, tendo que lidar com a depressão por causa da rejeição;

SD1.11: Geração de jovens mulheres cronicamente insatisfeitas, angustiadas e depressivas;

SD1.13: Aumento do índice de depressão e maior número de suicídio entre as mulheres;

Na SD1.3 esse discurso aponta que quando as mulheres se entregam a relações sem amor e sem o estabelecimento de um compromisso, apenas pelo sexo, elas acabam ficando destruídas emocionalmente tendo que lidar com depressão por causa da rejeição. Além do estigma em volta da saúde mental, o discurso antifeminista, por ser ideologicamente conservador, defende novamente que as mulheres não devem se entregar sexualmente em relações sem compromisso. Para o antifeminismo, o compromisso é o principal objetivo de um relacionamento.

SD1.11 e SD1.13 estão em relação de paráfrase, já que ambas destacam que há um aumento no índice de mulheres insatisfeitas, angustiadas e depressivas. A razão desses sentimentos ruins estaria novamente relacionada a essas relações que se estabelecem apenas por sexo, mas podemos destacar outros não-ditos como: a ausência do casamento, a ausência de filhos, a ausência de uma casa para cuidar, a ausência da família. Esses não-ditos são possíveis de inferir a partir do caráter conservador desse discurso.

Na publicação 2, outra consequência promovida pela revolução sexual seria a “normalização do aborto”. Ao enunciar o aborto como *matar bebês no ventre*, o discurso antifeminista se situa contra o aborto. Sendo ele um objeto do discurso feminista, que tem relação não com a liberdade sexual, mas com debates sobre saúde

pública em geral, na FD antifeminista é associado a um crime. A retomada do significante “aborto” por “matar bebês no ventre” demarca o afastamento do discurso antifeminista dessa temática. O aborto não é entendido enquanto um procedimento importante para a saúde pública, mas sim enquanto assassinar bebês. A disseminação desse “crime” é uma consequência da promoção da revolução sexual.

Nas relações pessoais também seria possível destacar as consequências da revolução sexual. A publicação 4⁴, coletada no *Facebook*, consiste numa imagem que tem como título “contrato de transa”. Este contrato por sua vez, é um documento que, de acordo com a publicação, deveria ser carregado por todos homens e apresentado às mulheres com quem pretendem ter relações sexuais. Observamos nessa publicação duas questões: primeiro, temos que os homens precisam se proteger de mulheres; segundo, que mulheres levantam falsas acusações contra homens, e utilizam seus privilégios para criminalizá-los.

Além do apresentado, a publicação retoma outros enunciados desse *corpus* (*SD1.3* e *SD1.9*), que mencionam as mulheres estarem sendo incentivadas pelo feminismo a terem relações sexuais sem compromisso e banalizarem o sexo. Essas mulheres que acusam os homens injustamente seriam mulheres com vida sexual ativa e que não restringem a vida sexual ao casamento, como a religião e a moral cristãs requerem.

A sexualidade novamente se apresenta como uma questão chave para o discurso antifeminista, pois para esse discurso ela precisa ser vivida de acordo com o que é definido pela moral cristã. Um discurso de cunho conservador emerge e é retomado ao destacar que uma mulher de respeito não tem múltiplos parceiros. Assim sendo, as feministas além de supostamente não serem mulheres de respeito, pois vivenciam a sexualidade de forma errônea, seriam também manipuladoras, porque utilizam conscientemente um suposto privilégio para criminalizar homens.

Ao discutir identidades e sexualidade feminina, a partir da análise de publicações do *Facebook*, Araújo (2018, p. 114) conclui que em geral os discursos sobre a sexualidade feminina se dão a partir de relações de conflito. E ainda que:

O discurso conservador, que por muito tempo se manteve como discurso dominante, está sempre em tensão com o discurso dominado, o discurso progressista. Em virtude desta pluralidade de

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/forafeminismo5/photos/a.1013014675527010/1621816377980167/>. Acesso em: 09 abr. 21

discursos, não podemos pensar a sexualidade feminina como homogênea, universal e estável. Ela está em constante formação, é marcada pela heterogeneidade e pela contradição (ARAÚJO, 2018, p. 115).

No caso de nossas análises, pudemos perceber que o discurso antifeminista, por sua vez, se destaca por reproduzir e enfatizar o discurso conservador ou, no caso da nossa interpretação, o neoconservador. Ao resgatar a memória de que “tudo era melhor antes”, esse discurso assimila o movimento feminista enquanto um acontecimento que é responsável por piorar a vida das mulheres. Esse acontecimento teria causado uma ruptura no papel fixo de gênero ao promover que as mulheres pudessem ter uma vida para além do espaço doméstico.

Para a FD antifeminista, o sujeito mulher não tem necessidade de entender sua sexualidade e muito menos de utilizá-la de forma livre. A sexualidade emerge enquanto uma extensão religiosa de um ser que naturalmente tem funções fixas na estrutura familiar. Consequentemente, se uma mulher foge dessas concepções e, como no caso do feminismo, subverte e muda esses ideais, ela será infeliz e sofrerá consequências que vão desde violências físicas até doenças mentais, passando pela solidão.

A recusa do processo de evolução da sociedade, enquanto principal característica do antifeminismo, pode ser observada em variados momentos do *corpus*, mas principalmente no que concerne à questão familiar. A ênfase na possibilidade de destruição do casamento, enquanto instituição que supostamente ainda sustenta a sociedade moralmente, é uma forma de invalidar os objetivos feministas, na medida em que ele é uma ameaça especificamente para essa instituição. O que se apaga nesse discurso é que o casamento não se sustenta de forma igualitária, muito pelo contrário, a base dessa relação é a opressão de gênero, principalmente porque atribui a mulheres um trabalho do qual os homens são liberados: o trabalho de reprodução social.

Enquanto tática neoconservadora, “parece particularmente importante constatar que a família é considerada o único laço duradouro e o suporte a buscar à medida que a política neoliberal retira outros apoios e restringe a ideia – e a possibilidade – de solidariedade” (BIROLI, 2020, p. 152). Portanto, faz parte dessa política restringir os sujeitos a uma instituição privada, como a família, nesse caso, para que o Estado seja tido como dispensável, já que é assim que funciona no neoliberalismo.

Ao considerar que as ideologias dominantes trabalham pelo consenso, existe um discurso dominante sobre gênero que é questionado pelo feminismo; e que por sua vez é reproduzido pelo antifeminismo. A partir disso, percebemos que é parte da funcionalidade da FD antifeminista a homogeneização do sujeito mulher, enquanto forma de reproduzir a moral cristã, e conseqüentemente manter a sociedade organizada através de moldes patriarcais.

Considerações Finais

Ao explicar o “significado verdadeiro” da liberdade sexual e denunciar suas conseqüências nefastas, o discurso antifeminista chega à revelação do que seria o objetivo verdadeiro do movimento feminista – ferramenta do movimento marxista para a destruição da família como primeiro passo para destruição das classes sociais e do Estado.

Enquanto característica da política neoliberal e conseqüentemente neoconservadora, a preservação da família surge enquanto principal argumento do discurso antifeminista quando o assunto é a sexualidade feminina. Logo, a revolução sexual será não apenas questionada, mas também transformada em um problema a ser combatido.

Portanto, tanto a partir de metaforização (PÊCHEUX, 1988) quanto a partir de simulacro (MAINGUENEAU, 2008), a revolução sexual emerge na formação discursiva antifeminista com o máximo de sentidos negativos possíveis, sendo a principal responsável pela degradação do sujeito mulher, que é objetificado, violentado e desrespeitado, exatamente em razão do exercício dessa liberdade.

Com as mulheres assumindo certos controles e, nesse caso, especificamente o controle de sua sexualidade, os papéis fixos de gênero são ameaçados e conseqüentemente a família também é. A família que o neoconservadorismo defende é um espelho das tradições morais cristãs. Por isso, é usualmente formada por um homem e uma mulher, “variando entre formulações mais tradicionalistas, nas quais o primeiro provê financeiramente, e outras nas quais a mulher é definida como agente relevante para a prosperidade da família” (BIROLI, 2020, p. 151), sendo que a moralidade sexual é o ponto chave de manutenção dessa estrutura. Destaca-se também a reprodução biológica enquanto o objetivo principal da constituição dessa

forma de família, o que privilegia o arranjo heteronormativo em detrimento da expressão de diferentes orientações sexuais.

Referências

ARAÚJO, Karen Dominique Rodrigues de. *O discurso sobre a sexualidade feminina: subjetividades e identidades em construção*. 187f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) - Programa de Pós-graduação em Letras e Artes, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/2077>. Acesso em: 21 jun. 2022.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: Edufscar, 2009.

CRUZ, Maria Helena; DIAS, Alfrancio. Antifeminismo. *Revista Estudos de Cultura: Sergipe*, n. 1, p. 33-42, 2015. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revec/article/view/3651>. Acesso em: 06 set. 2021.

FALUDI, Susan. *Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. Tradução: Mário Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. O pensamento antifeminista: a querela dos sexos. *História Revista*, v. 9, n. 2, p. 227-252. Jul./dez. 2004. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/10446>. Acesso em: 24 set. 2021.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 14. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 101-142.

OLIVEIRA, Carem Aline de. *Movimento antifeminista: discursos e ativismos de mulheres nas redes sociais, impressos e eventos*. 250 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2020. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/5347>. Acesso em: 06 set. 2021.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 13. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

PÊCHEUX, Michel [1975]. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, Michel [1977]. Remontemos de Foucault a Spinoza. In: MALDIDIER, D. *L'inquiétude du discours*. Paris: Cendres, 1990, p. 245-260.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* *Papel da Memória*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999, p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel [1983]. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni Orlandi. 4 ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

PÊCHEUX, Michel [1971]. Língua, linguagens, discurso. In: PIOZEVANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (orgs). *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.

PÊCHEUX, Michel [1984]. Metáfora e Interdiscurso. In: ORLANDI, Eni (org.) *Análise de Discurso: Michel Pêcheux (textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi)*. Campinas: Pontes, 2011, p. 151-158.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine [1975]. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 159-249.

SOIHET, Rachel. *Feminismos e antifeminismos: mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena*. Rio de Janeiro: Letras, 2013.

VOLOSHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

Recebido em 16/08/2022

Aceito em 22/11/2022

Publicado em 02/12/2022